

**TIA NUNU: RESGATE HISTÓRICO A PARTIR DA ORALIDADE DE UMA MULHER
NEGRA COM DEFICIÊNCIA**

Yuri Juan de Oliveira (Unespar/Campo Mourão)
yuri_juan3@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho analisa a obra "Água de Barrela", de Eliana Alves Cruz, destacando sua relevância para a literatura afro-brasileira e feminina. A autora, nascida no Rio de Janeiro em 1966, utiliza sua escrita como forma de apresentar personagens historicamente marginalizados. Sua produção literária tem como base tanto registros históricos quanto a memória de sua família, especialmente os relatos de sua tia Nunu, uma mulher negra com deficiência cuja existência foi anulada ao longo de sua vida. Busca-se analisar a importância do resgate da história por meio da história oral, narrada pela história da tia Nunu, e coletada pela autora.

Palavras-chave: Literatura de autoria negra; leituras anticapacitistas; mulher negra com deficiência.

Introdução

Eliana Alves Cruz é uma escritora brasileira negra, que, assim como muitos outros, tem elevado sua voz para representar uma parte da história oprimida. Nascida no Rio de Janeiro, em 1966, Cruz é graduada em Comunicação Social pela Faculdade da Cidade em 1989. *Água de barrela* foi sua obra de estreia na literatura, obtendo o título de vencedora da primeira edição do Prêmio Literário Oliveira Silveira, fornecido pela Fundação Cultural Palmares, em 2015. Eliana publicou textos nas coletâneas *Cadernos negros* (Quilombhoje) e *Perdidas: histórias para crianças que não tem vez* (Imã Editorial), além dos romances *O crime do cais Valongo* (2018), *Nada digo de ti, quem em ti não veja* (2020), *Solitária* (2022) e a coletânea *A vestida: contos* (2022). Ela também é ativa no site *The Intercept*, abordando temas relacionados ao racismo e à escravidão.



A importância da autora se evidencia quando consideramos que a escrita literária brasileira de autoria feminina negra ainda carece de maior espaço para representatividade. Por ser negra e mulher, escritoras como Cruz lidam tanto com um cenário patriarcal, e os direitos de fala e de escrita já nasciam em posse do homem, quanto com a questão étnico-racial. Em uma sociedade machista, opressora e racista, devemos “reconhecer que produções literárias de mulheres negras ainda estão ausentes, consideravelmente, de inventários da “literatura feminina”, bem como de diversas instâncias acadêmicas, artísticas e culturais em torno da mulher e/na literatura” (Silva, 2018, p.24).

Ao mesmo tempo, estudos acerca da deficiência e pessoas negras também precisam de maiores estudos. Se a mulher negra ainda busca seu espaço de representação literária, quanto mais uma mulher negra e com deficiência. Na obra em análise, *Água de barrela*, temos a representação de uma personagem chamada Nunu, que possui uma deficiência não definida na obra, mas cuja existência é desconsiderada, por não parecer com o que era considerado “normal”.

Desse modo, o presente trabalho busca fazer uma leitura da construção desta personagem, observando-a enquanto uma importante personagem para a resgate da história familiar das personagens femininas do romance.

TIA NUNU E O RESGATE MEMORIALÍSTICO POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

O romance de Cruz desempenha um papel extremamente importante: o de resgate memorialístico da história do Brasil pela perspectiva daqueles que sempre foram oprimidos e silenciados pela historiografia brasileira. Embora literatura, o trabalho desenvolvido pela autora teve como base não apenas dados históricos da história brasileira, como também pesquisas, fotografias, cartas e testemunhos daquelas que vivenciaram a realidade de períodos específicos.



Conforme aponta Bueno (2008, n.p), a história oral e a memória de vida podem ser utilizadas para uma análise da “cultura, resistência e organização de mulheres negras”. Ter como fonte a oralidade é considerar os sujeitos do cotidiano da história, assim como o faz a autora de *Água de barrela*. Ao resgatar as memórias de sua família a partir do discurso de sua tia Nunu, aquela que possui alguma deficiência, Cruz possibilita um resgate histórico, pois “a tradição oral constitui um patrimônio da comunidade negra”, já que as “mulheres resistiram ao período da escravidão das mais diversas formas”, elas possuem um capítulo da história para ser contado, contanto que alguém as ouça.

Como no apêndice do romance elucida, a tia Nunu é de crucial importância para a produção da autora, uma vez que, desacreditada, ao longo de sua vida, devido à uma condição que não é definida ao longo do romance. Tal condição a faz vivenciar diversas barreiras atitudinais, e é considerada incapaz e louca por outros personagens. Em texto póstumo no romance, a escritora define a condição de Nunu como esquizofrenia, e esta recebe espaço, sendo ouvida com atenção e cuidado por Cruz:

Embora tenha sido sempre tratada com o máximo cuidado e carinho, nada do que Nunu falava era levado realmente a sério. Afinal, quem poderia dar crédito à mulher que saía nua pelas ruas do bairro e assustava as criancinhas? Quem poderia ver fundamento nos relatos esquizofrênicos da moça estranha com passagens pelo alcoolismo? [...] ela, na verdade, vive quase que 90 por cento do seu tempo entre os anos de 1920 e 1940, quando era criança e jovem. Fala com os pais, avós, parentes e conhecidos como se estivessem vivos e é capaz de descrever cenários com uma riqueza de detalhes impressionante para uma idosa de mais de 90 anos, que passou por eletrochoques e medicações pesadas a vida toda (CRUZ, 2016, p. 307-308).

Na obra, devido ao contexto e ao período, quando doenças e deficiências que afetam comportamentos humanos ainda careciam de estudos e compreensão, Nunu vivenciou diversas violências. Como observamos no trecho a seguir, Nunu sofreu o enclausuramento em instituições como medida considerada adequada para ela: “Nunu se acalmava por um tempo, mas estava longe de levar a vida normal que a mãe deseja



para ela. Em um dos muitos acessos, foi levada pela polícia para o Asilo São João de Deus, que naquele mesmo ano passava a se chamar Juliano Moreira." (Cruz, 2016, p. 264).

A institucionalização de pessoas com deficiência ou transtornos neurológicos foi maneira considerada legal de lidar com a diferença, mas que resultou em segregação e discriminação. No Brasil, essa prática ocorreu no século XIX, e perdurou durante muito tempo, causando danos significativos nas vidas de muitas pessoas (Frederico, Laplane, 2020, n.p). No percurso de Nunu, observamos como essas pessoas eram tratadas e desconsideradas socialmente.

Além de acompanhar e coletar as histórias da tia Nunu, a escritora realizou pesquisas com base no que registrava em seus relatos, fortalecendo assim sua perspectiva. Desse modo, o romance pode ser considerado um rico tesouro para a compreensão da história do Brasil e para a valorização da força e presença das mulheres negras, destacando sua contribuição por meio do trabalho árduo, tudo isso sob a perspectiva de uma mulher negra.

De acordo com Esteves e Coqueiro (2021), Cruz atribui protagonismo sobretudo às mulheres negras, contando a história a partir do ponto de vista dos vencidos. As autoras acrescentam que as mulheres, no romance, "compõem um arco narrativo poderoso e ancestral. São elas, em vivências marcadas por muito sofrimento e por muita resiliência, que moldam os caminhos de cada indivíduo ao longo da narrativa" (ESTEVES; COQUEIRO, 2021, p. 166).

A existência das mulheres negras sempre foi marcada pela história da escravidão e pelos limites estruturais de raça e de gênero, os quais cerceiam e dificultam a tomada de autonomia e protagonismo. A vivência da interseccionalidade se intensifica ainda mais se soma a essas questões uma mulher negra com alguma deficiência. O resgate histórico feito por Cruz, que decide ouvir aquela que viveu marginalizada a vida toda como uma mulher incapaz, permite que a história seja narrada de perspectivas ainda mais marginalizadas.



Considerações finais

Eliana é, portanto, um exemplo contemporâneo da ficção afro-brasileira de autoria feminina, dando espaço para o protagonismo do negro, e, mais especificamente, da mulher negra. O romance *Água de Barrela* nos permite analisar e compreender a representação da história social do povo negro no Brasil pela perspectiva ficcional.

Referências

- BUENO, Francisca Izabel da Silva. A importância da história oral como instrumento de inclusão da cultura negra. **Fazendo gênero 8** - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST63/Francisca_Izabel_da_Silva_Bueno_63.pdf. Acesso em 02 ag 2023.
- CRUZ, Eliane Alves. **Água de Barrela**. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2018.
- ESTEVES, Natacha dos Santos; COQUEIRO, Wilma dos Santos. Uma babel de mulheres negras em *Água de barrela*: sobrevivência, feminismo e educação ao longo dos séculos. In: ZUKOSKI, Ana Maria Soares; TARDIVO, André Eduardo; COQUEIRO, Wilma dos Santos (orgs.). *Do silêncio à insurgência*: percursos da literatura afro-brasileira. Catu: Bordô-Grená, 2021.
- FREDERICO, Jacqueli. LAPLANE, Adriana. Sobre a Participação Social da Pessoa com Deficiência Intelectual. *Rev. bras. educ. espec.* 26 (3), Jul-Sep 2020, <https://doi.org/10.1590/1980-54702020v26e0156>.
- SILVA, A. R. S. da. Literatura de autoria feminina negra: (des)ligamentos e ressignificações. **Fólio - Revista de Letras**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018.